

EXPOSIÇÃO

# DO POSTO ANTROPOMÉTRICO AO INSTITUTO DE CRIMINOLOGIA DO PORTO

**COLABORAÇÃO:**

DGRSP – DIR. GERAL DE REINserÇÃO E SERVIÇOS PRISIONAIS

CPF – CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA

CITCEM – CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR “CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA”

CMP – CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

IBERSOL – SGPS, SA

A Conferência Internacional que integrou o programa do *Portuguese Prison Photo Project* foi cenário de uma Mostra que integrou cerca de trinta peças do valioso património arquivístico e museológico da DGRSP. Fazem parte de um acervo diretamente ligado ao Porto, herdado de três repartições que se sucederam no tempo: o Posto Antropométrico junto da Relação do Porto, oficialmente aberto em 1902, a Repartição de Antropologia Criminal que lhe sucedeu em 1918 com mais amplas atribuições e competências, e o Instituto de Criminologia do Porto criado em 1936. Estas repartições estiveram sedeadas por mais de cinquenta anos no edifício setecentista da Relação, de onde saíram em 1974 aquando da sua desativação enquanto estabelecimento prisional.

Circunstâncias históricas impediram na época a organização e inventariação daquele espólio, que iria permanecer em paradeiro incerto por longos anos. Contudo, recentemente, no decorrer de um trabalho de levantamento, inventariação e conservação do património histórico, que a DGRSP tem vindo a desenvolver desde 2006, através dos seus serviços de arquivo, foi localizada uma parte importante desse acervo. Pelo significado do acontecimento e pelos objetivos desta Conferência, que incluiu um espaço para uma reflexão histórica sobre as preocupações com o crime e a reincidência e algumas metodologias para o seu combate, solicitamos àquela Direção Geral que nos permitisse apresentar pela primeira vez a público algumas das peças do seu acervo.

Desta forma, a exposição revelou alguns dos mais antigos objetos ligados à identificação dos presos entrados na cadeia da Relação e que passaram pelo seu Posto Antropométrico. Mostraram-se, por isso, diversos instrumentos de mensuração – compassos de correição, cefalómetros, etc. –, bem como de recolha de dados morfológicos, nomeadamente tabelas de observações cromáticas de olhos, cabelo e epiderme, livros de cópia de tatuagens e de impressões palmares, que permitiam no seu conjunto a elaboração dos boletins de identificação a partir de março de 1902, e que incluíam ainda a fotografia bertilloniana e os registos palmares e dactiloscópicos, obedecendo às indicações impostas pela lei.

Esta Mostra completou-se com alguns “objetos de crime”, tais como instrumentos de fabricação de dinheiro falso – notas e moedas –, armas brancas e de fogo e instrumentos de arrombamento – que podiam ser objetos quotidianos “adaptados”, tais como chaves ou talheres transformados em gazuas ou punhais, etc. Esses objetos foram recolhidos por força do decreto nº 13254 de 9 de março de 1927, que mandava aos delegados do Min. Público enviar para os institutos de Criminologia de Lisboa e Coimbra e para a Repartição de Antropologia Criminal do Porto, os instrumentos de

crime acompanhados da respetiva informação do processo, nos casos já passados em julgado. Tal como já sucedia havia muito noutros países, esse espólio de centenas de peças ligado à perpetração de crimes veio a fazer parte de um Museu Criminal que seria formalmente criado por Luís de Pina em 1930 e que assumiu, como outros congéneres da Europa, para lá da salvaguarda do acervo que tinha em custódia, o intuito de contribuir para o estudo do *modus operandi* do criminoso e para a interpretação da sua mente.

Entre o material mais notável presente na Mostra, contam-se os livros de registo e cópia de tatuagens, meticulosamente copiadas e preciosamente anotadas por um dos funcionários do Posto e que constituíram a matéria prima de dois importantes trabalhos de 1902 e 1903. O primeiro, foi um texto da autoria de Luís de Freitas Viegas, lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto e diretor do Posto Antropométrico, publicado no primeiro número da Revista de Antropologia Criminal – Boletim do Posto Antropométrico, intitulado *Tatuagem nos Criminosos*. Esse trabalho partiu do estudo de 157 presos tatuados que tinham passado pelo Posto entre 1 de março e 30 de junho de 1902 e pela análise dos seus Boletins Antropométricos. O segundo, *Tatuagem dos Criminosos*, Dissertação Inaugural de Álvaro Teixeira Bastos, apresentada à Escola Médico Cirúrgica, é um texto de maior envergadura realizado a partir de uma cuidada análise de 1193 tatuagens de 392 indivíduos que, até 31 de julho de 1903, tinham sido recolhidas nos álbuns respetivos do Posto – com observação dos contextos e motivações da sua feitura, simbologia, autores, métodos utilizados, preço, etc. Estes dois trabalhos vieram abrir o mote, no Porto, às questões do papel da tatuagem no reconhecimento criminal. Poucos anos depois, seria o Prof. Mendes Correia a utilizar aqueles álbuns e alguma outra documentação existente no Posto, para a redação do capítulo que dedicou à tatuagem no seu livro *Criminosos Portugueses*, publicado em 1913. Aliás, a leitura vagarosa desta obra permite desde logo perceber a importância que tiveram no seu trabalho as visitas frequentes à Cadeia da Relação, a consulta dos seus Livros de Entrada, os diálogos que manteve com os presos e o conhecimento muito próximo de alguns deles. Todos estes elementos são ainda profundamente sedutores no estudo contemporâneo da tatuagem.

Através de cada um dos objetos expostos e do seu cruzamento com materiais de arquivo<sup>1</sup> torna-se possível rever procedimentos científicos ou práticas burocráticas na busca e controle do homem criminoso, sobretudo do reincidente, quer se utilizassem os sinais do seu corpo, quer os indícios deixados pelo seu crime. Através deles, os investigadores podem reconstruir hoje metodologias e procedimentos usados nos laboratórios das repartições, mas também podem “aproximar-se” do sujeito mensu-

rado, bem como “seguir” o objeto e perceber os contextos da sua aquisição e da sua utilização.

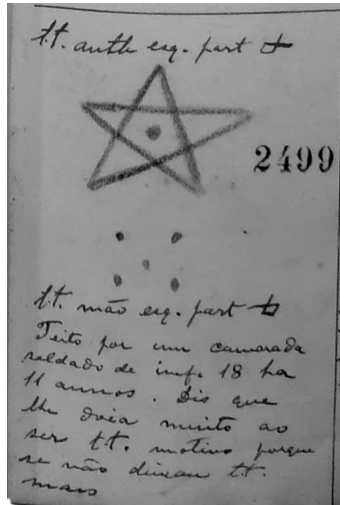
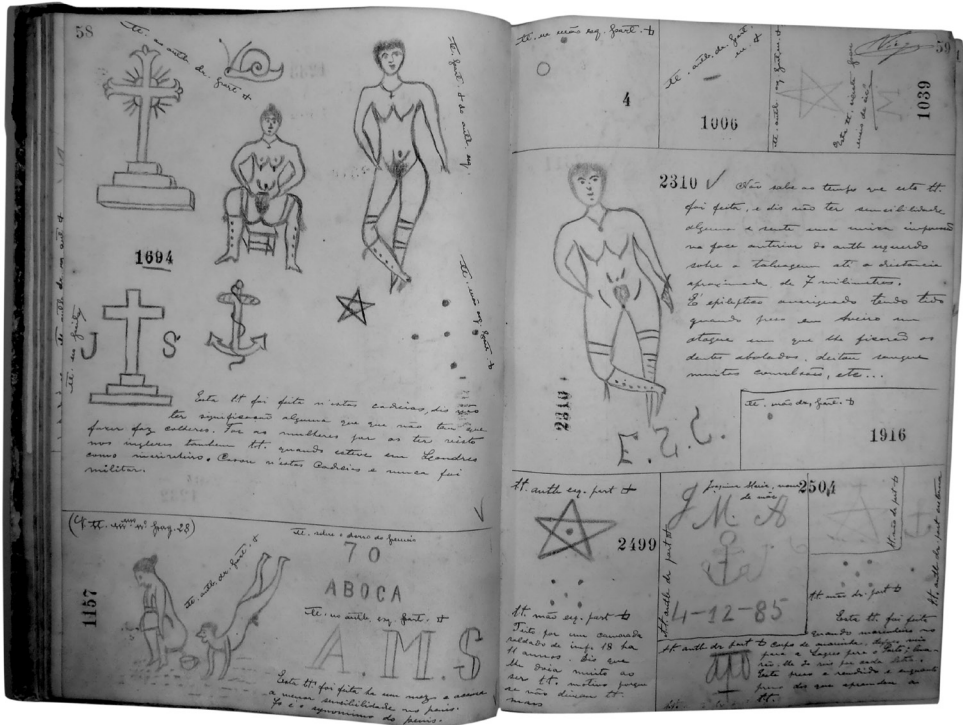
O carácter excecional deste conjunto de peças – apenas uma parte do que está em arquivo –, suscita a necessidade da sua preservação e, de igual modo, a sua disponibilidade a futuros trabalhos académicos, bem como a sua fruição pública numa perspetiva de divulgação do importante património histórico da DGRSP.

Para este regresso às origens, quarenta anos depois, os objetos presentes na Mostra receberam uma ação de conservação e restauro graças ao apoio da empresa IBERSOL – SGPS, SA, que generosamente colaborou com esta iniciativa.

MARIA JOSÉ MOUTINHO SANTOS

---

<sup>1</sup> Refiram-se os materiais existentes no Arquivo da DGRSP/Norte e os Livros de Correspondência da Procuradoria Régia do Arquivo do Tribunal da Relação do Porto.



Livro de tatuagens de homens.  
 Posto Antropométrico do Porto.  
 1903-[1928]

2114



R

As as iniciais do seu nome Francisco José Fernandes e o

R. é a iniciais d'uma namorada que tem na terra e o signo de Saturno e com a ideia que lhe dá felicidade. Foi tatuado nestes cadernos na prisão de S. José por um tal Rosário e não se tatuou mais porque o feiz do preso não deixava

Esta tt. foi feita no quartel de infantaria to no anno de 1885. Bis ser as iniciais do seu nome e que não lhe deu nada ao ser tatuado.

2727

A.A

230

Esta tt. feita nestes cadernos por um tal Allan e AA. é o nome d'um filho seu e as iniciais de G. é o nome do preso. Bis nos lhe deu nada ao ser tt.

J.G

501

A.Ca

188°

Ht. antr. de. part d

2772

1722

Ht. não seg. part b. Feito aos 16 annos e não tem significação nem se lembra se lhe deu.



77



Ht. antr. seg. part d

R. Q. G.

A.T.

A.T. ✓

Esta tt. feita pelo Rosário nestes cadernos na prisão de S. José. Bis não lhe ter doído quasi nada. R. Q. G. é o nome debruço d'um ramo de flores, e d'uma amante. A. T. é as iniciais do seu nome. O restante bis não tem significação alguma. Esta preso é preso aqui por d'estes cadernos pelo crime de furto.

Ht. não seg. part b

Ht. antr. seg. part d

A. J. S. A. R.

2147

Feito nestes cadernos por um companheiro na prisão de S. José. Pediu para lhe fazerem o nome mas como não sabe ler bis que não sabe o que é. Bis não lhe deu nada

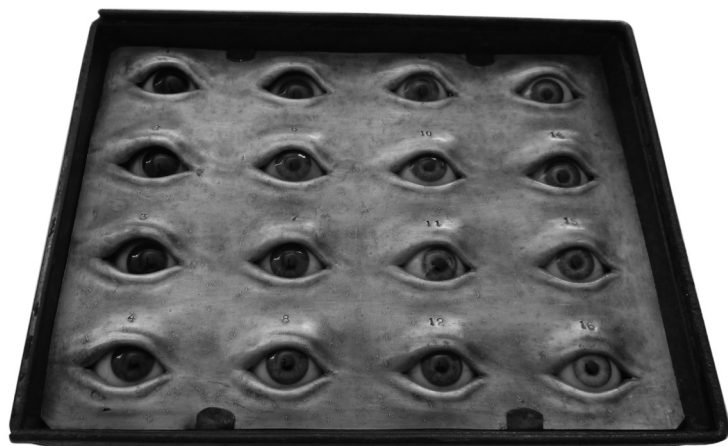
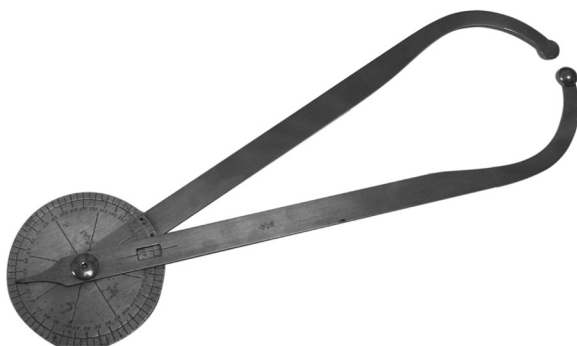
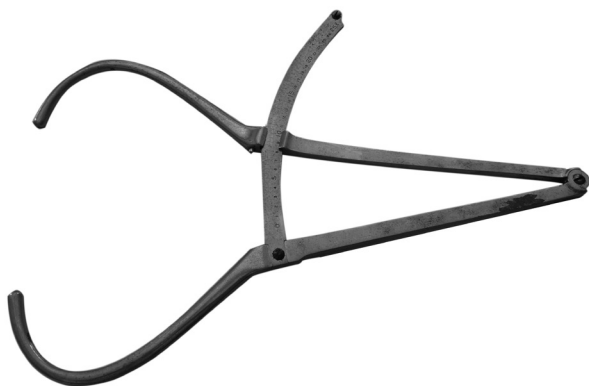


Tabela de cor de olhos.  
Prof. Rudolf Martin.  
[1902?]

Tabela de cor de cabelos.  
Caixa de metal Haafarrentafel.  
Primeiro quartel séc. XX

Tabela de cores da epiderme.  
Caixa de metal Hautfarben Tafel 2,  
Prof. Felix Von Ausfuhrung.  
Primeiro quartel séc. XX



Cefalômetro da escala curva.  
Compasso em metal para medição  
da cabeça e das arcadas bysogmaticas.  
Primeira metade do séc. XX

Cefalômetro de disco.  
Compasso em metal para medição  
da cabeça.  
Primeira metade do séc. XX

Compasso de correções.  
Compasso em metal para medição  
de cumprimento da orelha direita.  
Primeira metade do séc. XX





Cunho de madeira para fabrico de notas falsas de 500 reis. Banco de Portugal. 1891  
Objecto apreendido.

Cunho metálico para fabrico de notas falsas de 5 mil reis.  
Objecto apreendido.



Cunho de metal em duas partes para  
cunhagem de moeda falsa de 200 reis.  
1887  
Objecto apreendido.

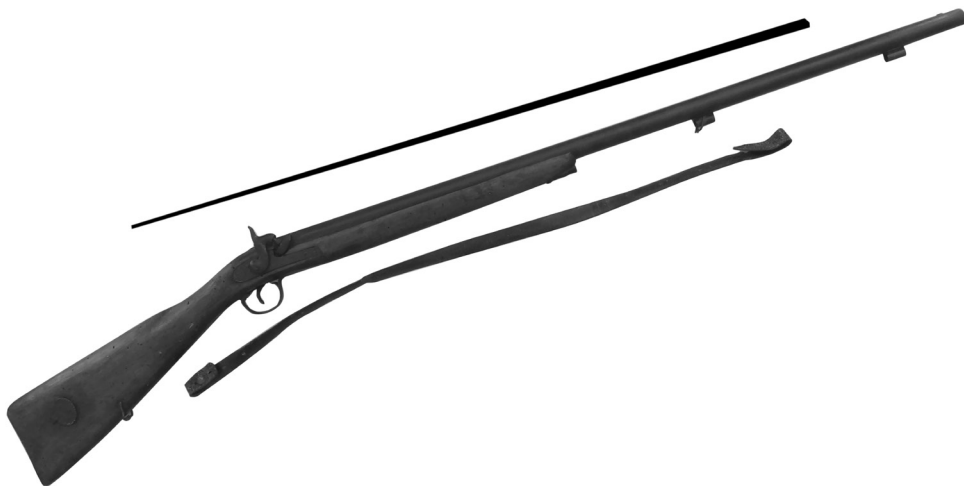
Cunho de metal em duas partes para  
cunhagem de moeda falsa de 1 franco.  
1888  
Objecto apreendido.



Navalha com cabo em ferro revestido a osso, madrepérola e metal, decorado com desenhos naturalistas. Primeiro quartel do séc. XX Objeto apreendido.

Faca com bainha de couro, lâmina pontiaguda em aço e cabo de madeira. Primeiro quartel do séc. XX Objeto apreendido.

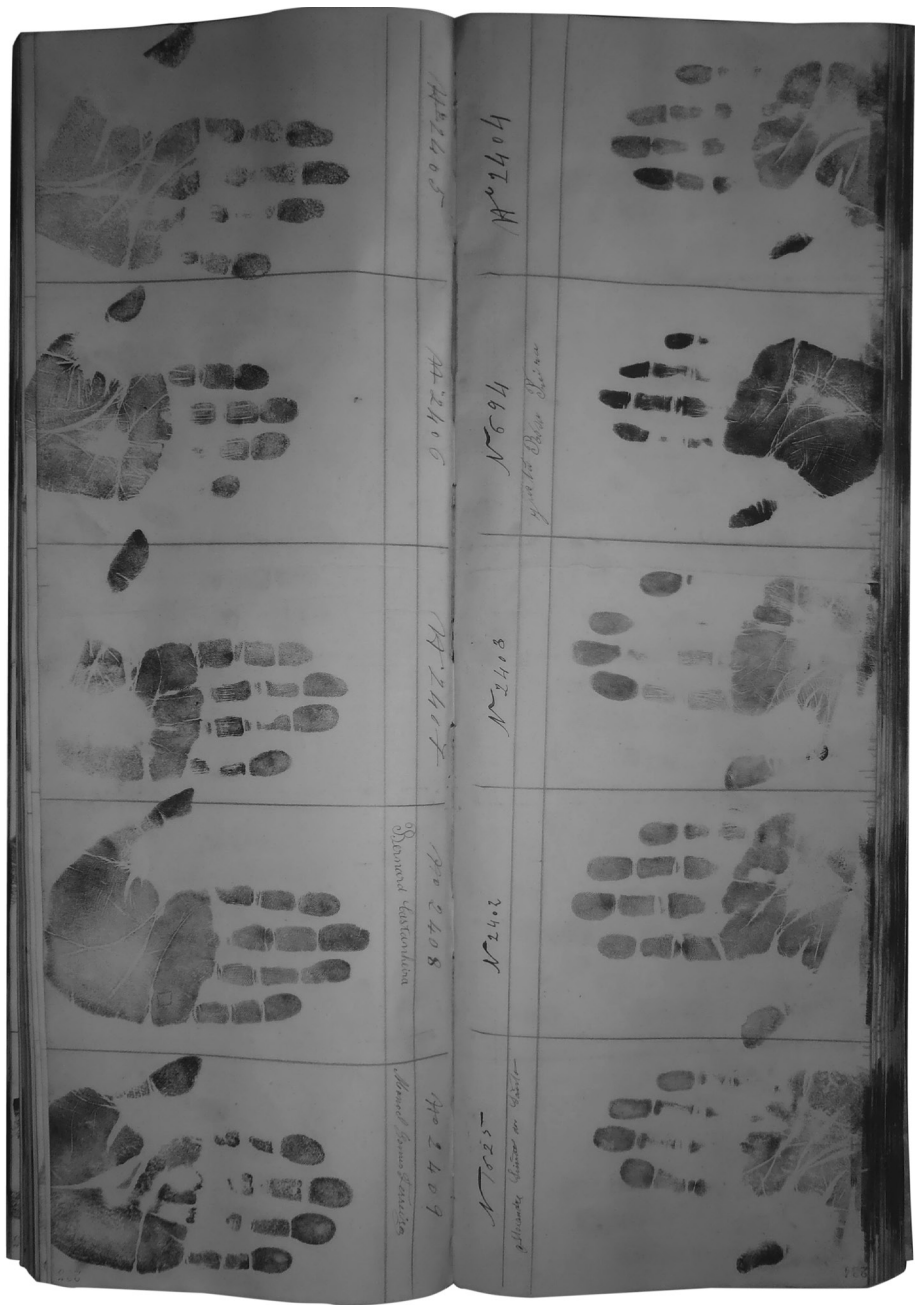
Faca com bainha de couro. Punho de metal prateado e osso. Primeiro quartel do séc. XX Objeto apreendido.



Arma caçadeira de cano de ferro,  
de carregar pela boca, com vareta,  
mira e encosto metálico da coronha.  
Primeira metade do séc. XX  
Objeto apreendido.

Arma de fogo em madeira, ferro e latão  
dourado, decorada com motivos florais.  
Primeira metade do séc. XX  
Objeto apreendido.

Arma falsa. Objecto em madeira.  
Ainda com etiqueta do Museu do ICP.  
Primeira metade do séc. XX  
Objeto apreendido.



Livro de impressões palmares.  
Posto Antropométrico do Porto.

**DESCRIÇÃO DAS PEÇAS E FOTOGRAFIAS**

MARIA TERESA PINHEIRO TORRES E JOSÉ ALVES DE SOUSA  
ARQUIVO DA DIREÇÃO-GERAL DE REINserÇÃO E SERVIÇOS PRISIONAIS  
/ DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO E ARQUIVO HISTÓRICO



Cofinanciado por:

